

136

O Laboratório de
Gramsci

Álvaro Bianchi

Primeira Versão

Primeira Versão é uma publicação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH. Destina-se a abrigar aqueles trabalhos de circulação restrita, seja porque são parte de uma pesquisa em andamento, seja por estarem voltados para atividades didáticas, ou ainda, são 'papers' apresentados em reuniões fora do âmbito do Instituto.

Primeira Versão é, portanto, uma publicação predominantemente voltada para a circulação interna, mas, por isso mesmo, pode vir a preencher um papel importante na vida acadêmica e intelectual do IFCH.

Primeira Versão está aberta a todos os professores do Instituto. As propostas de publicação deverão respeitar o limite máximo de 50 páginas e os originais deverão ser entregues no Setor de Publicações.

Comissão de Publicações

FICHA TÉCNICA

Diretor: Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Diretor Associado: Prof^a Dra. Nádia Farage

Comissão de Publicações:

Coordenação Geral:

Profa. Dra. Nádia Farage

Coordenação da Revista Idéias:

Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves

Coordenação da Coleção Idéias:

Prof. Dr. Luís Fernando F. R. Ribeiro

Coordenação da Coleção Trajetórias:

Prof. Dr. Alvaro Bianchi

Coordenação das Coleções Seriadas:

Prof. Dr. José Oscar de A. Marques

Coordenação das Coleções Avulsas:

Profa. Dra. Guita Grin Debert

Representantes dos Departamentos:

Profa. Dra. Guita Grin Debert – DA,

Prof. Dr. Alvaro Bianchi – DCP, Prof.

Dr. Luiz Fernando F. R. Ribeiro – DH,

Prof. Dr. José Oscar de A. Marques –

DF e Prof. Dr. Márcio B. Naves – DS.

Representantes dos funcionários do

Setor: Maria Cimélia Garcia, Magali

Mendes e Sebastião Rovaris

Representante discente: Fábio

Scherer e Eugenio Braga (pós-

graduação) e Renato César Ferreira

Fernandes (graduação)

Setor de Publicações:

Maria Cimélia Garcia – Magali Mendes – Maria Lima

Gráfica:

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcilio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana

Endereço para correspondência

IFCH/UNICAMP

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal 6110

CEP: 13083-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 3521.1604 / 3521.1603 – Fax: (019) 3521.1589

pub_ifch@unicamp.br

<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão
IFCH/UNICAMP

O LABORATÓRIO DE GRAMSCI

Álvaro Bianchi

Departamento de Ciência Política do IFCH da Unicamp

Quando em 2 de junho de 1928 o ministério público tomou a palavra no processo contra Antonio Gramsci e outros líderes comunistas presos com ele, uma violenta exposição de motivos condenando-o foi proferida. Sobre Gramsci o pronunciamento expôs sua total irracionalidade: “por vinte anos devemos impedir que este cérebro funcione” (*Apud Fiori, 1979, p. 285*). O processo se arrastava desde a prisão do dirigente comunista pela polícia fascista, em novembro de 1926. Mas a prisão não impedia o cérebro de funcionar. Já antes mesmo da sentença, em uma carta escrita a sua cunhada, Tatiana Schucht, em março de 1927, afirmava: “Estou atormentado (...) por esta idéia: de que é preciso fazer algo *für ewig*. (...) Em suma, gostaria, segundo um plano preestabelecido, de ocupar-me intensa e sistematicamente de alguns temas que me absorvessem e centralizassem minha vida interior.” (*L, p. 58.*)

Na carta, era apresentado o primeiro esboço daquilo que ficou conhecido como os *Quaderni del carcere*. Quatro eram os temas sobre os quais Gramsci pretendia se debruçar:

“1º) *uma pesquisa sobre a formação do espírito público na Itália no século passado; em outras palavras, uma pesquisa sobre os intelectuais italianos, suas origens, agrupamentos segundo as correntes culturais, diversos modos de pensar, etc. (...) 2º) Um estudo de lingüística comparada! (...) 3º) Um estudo sobre teatro de Pirandello e a transformação do gosto teatral italiano que Pirandello representou e contribuiu*

para determinar. (...) 4º) Um ensaio sobre os romances de folhetim e o gosto popular na literatura.” (L, p. 58-59.)

Conectando esses diferentes temas estava “o espírito popular criativo” em suas diversas manifestações (Idem, p. 129). *Für ewig*, para sempre. Não eram as questões da análise de conjuntura as que atraíam Gramsci na prisão. Seu projeto procurava apresentar um conjunto de temas que resgatavam algumas de suas preocupações juvenis: seus estudos sobre lingüística dos tempos da Sardenha e sua atividade de crítico literário. As razões desse empreendimento pareciam ser de ordem intelectual psicológica. Procurava o marxista italiano organizar sua vida na prisão de modo a torná-la, se não tolerável, pelo menos suportável. A carta a sua cunhada não deixava de registrar essas motivações que o conectavam a uma vida de liberdade plena. Na carta, o prisioneiro lembrava de modo autobiográfico seus “remorsos” intelectuais por ter abandonado seus estudos de lingüística. Narrava, também, sua atividade de crítico literário durante os anos de 1915 e 1920: “Sabia que eu (...) descobri e contribuí para popularizar o teatro de Pirandello?”, perguntava a sua cunhada (Idem, p. 129).

Mas o projeto também incorporava uma forte dimensão política social, presente particularmente na primeira das áreas de concentração, na qual se destacava a formação dos grupos intelectuais dirigentes italianos. Sobre essa dimensão referia-se o próprio Gramsci na carta citada. “Você se recorda de meu texto, muito curto e superficial, sobre a Itália Meridional e sobre a importância de B. Croce?”, perguntava a Tatiana (Idem, p. 128), fazendo menção a seu escrito *Alcuni temi della questione meridionale*, ensaio pré-carcerário no qual Gramsci discutia a formação social meridional incorporando à análise das classes sociais o lugar ocupado pelos intelectuais.

¹ O ensaio, escrito em 1926 para uma revista teórica do PCI, foi publicado apenas em 1930 na revista *Lo Stato operaio*, mantida pelo partido em Paris (Gramsci, 1978.)

Sobre o caráter político desse texto não há lugar a dúvidas, daí a importância da reveladora referência. Mas essa dimensão política aparecia ainda diluída nesse primeiro projeto, como é possível verificar na declaração de intenção de Gramsci de desenvolver amplamente a tese esboçada em *Alcuni temi della questione meridionale* mas “de um ponto de vista ‘desinteressado’, *für ewig*” (Idem).

O resultado dessa atividade planejada por Gramsci foram os cadernos escolares de capa dura que preencheu com suas anotações durante os anos de prisão. São notas sobre o teatro italiano, a lingüística e a cultura popular, mas também sobre filosofia, história, economia e, principalmente, política. A variedade de temas é enorme, o que fez Eric Hobsbawm constatar certa feita que nesses cadernos é possível encontrar contribuições importantes e originais em todos os campos das chamadas ciências humanas, com exceção, talvez, da economia.

O projeto do cárcere teve, entretanto, que ser adiado por razões “técnicas”, como costumava dizer seu autor. Seu amigo Piero Sraffa havia aberto uma conta em uma livraria de Milão, na qual Gramsci podia encomendar livros, mas foi só no começo de 1929 que recebeu autorização para fazer anotações em um caderno e o material necessário para tal. A partir de então, Gramsci preencheu 33 cadernos, quatro deles dedicados a exercícios de tradução. No *Primo Quaderno*, cuja redação iniciou no dia 2 de fevereiro de 1929, Gramsci iniciava com a seguinte anotação:

“Notas e apontamentos.

Argumentos principais:

- 1) *Teoria da história e da historiografia.*
- 2) *Desenvolvimento da burguesia italiana até 1870.*
- 3) *Formação dos grupos intelectuais italianos: desenvolvimento, atitudes.*
- 4) *A literatura popular dos romances de folhetim e as razões de sua permanência e influência.*
- 5) *Cavalcante Cavalcanti: a sua posição na estrutura e na arte da Divina Comédia.*

- 6) *Origens e desenvolvimento da Ação Católica na Itália e na Europa.*
- 7) *O conceito de folclore.*
- 8) *Experiências da vida no cárcere.*
- 9) *A 'questão meridional' e a questão das ilhas.*
- 10) *Observações sobre a população italiana: sua composição, função da emigração.*
- 11) *Americanismo e fordismo.*
- 12) *A questão da língua na Itália: Manzoni e G. I. Ascoli.*
- 13) *O 'senso comum' (cf. 7).*
- 14) *Tipos de revista: teórica, crítico-histórica, de cultura geral (divulgação).*
- 15) *Neogramáticos e neolingüistas ('essa mesa redonda é quadrada').*
- 16) *Os filhotes do padre Bresciani.*" (Q 1, p. 5.)²

A nota do *Primo Quaderno* revelava o desenvolvimento que projeto original havia recebido. Aos temas de cultura listados na carta de 1928, somavam-se outros de teoria e análise social e política, como as questões de teoria da história, a formação da burguesia italiana e a "questão meridional". Importante, também, era a inclusão de um item sobre o americanismo e fordismo, resgatando temas que motivaram sua reflexão quando do *bienio rosso* em Turim. O próprio Gramsci apresentou a questão a sua cunhada, em uma carta de 25 de março de 1929, indicando uma concentração de seus interesses em torno de um número de áreas reduzida

"Decidi ocupar-me predominantemente e tomar nota sobre estes três assuntos: 1) A história italiana no século

² Para facilitar a leitura e a comparação entre diferentes edições, citamos os *Quaderni del carcere* sempre a partir de sua edição crítica (Gramsci, 1977) adotando a seguinte nomenclatura Q xx, § yy, p. zz), onde Q indica a edição crítica, xx o número do caderno, yy o parágrafo e zz a página).

XIX, com especial referência à formação e ao desenvolvimento dos grupos intelectuais; 2) A teoria da história e da historiografia; 3) O americanismo e o fordismo.” (L, p. 264.)³

Gramsci iniciou a redação desses cadernos com notas sobre temas muito variados e comentários de livros e artigos que lia na prisão. Os títulos que o autor colocava perante cada parágrafo se repetiam várias vezes, indicando que o projeto de dedicar-se a alguns temas específicos seguia de pé. Mas aos poucos impuseram-se temas nos quais a análise política e social parecia de modo mais intenso. A partir do início de 1930 ocorreu uma politização acentuada do projeto de pesquisa gramsciano.

O ponto de virada parece ser uma enigmática nota de duas linhas escrita entre dezembro de 1929 e fevereiro de 1930, de acordo com a datação de Francioni. Nela, Gramsci registra em francês “A ‘fórmula’ de Léon Blum. Le pouvoir est tentant. Mais seule l’opposition est confortable.” (Q, 1, § 40, p. 29.) Tem início aí aquilo que Francioni denominou a ‘explosão’ da reflexão mais diretamente teórico política” (1987, p. 30). Importantes nesse movimento são o § 43, sob a rubrica *Riviste tipo* – uma longa nota dedicada à questão dos intelectuais – e o § 44, *Direzione politica ‘i classe prima e dopo l’andata al governo*, no qual aparece pela primeira vez o conceito de “revolução passiva, segundo a expressão de V[icenzo] Cuoco” (Q 1, § 44, p. 41).

Quais as razões desse giro? Creio que a explicação deve ser procurada fora do texto gramsciano. A motivar tal inflexão estavam os dilemas da luta contra o fascismo; o giro sectário da Internacional Comunista dado pelo 7º Congresso (1928) e consolidado pelo 10º Plenum do Comitê Executivo (1929); e a crescente stalinização da União Soviética. O impacto

³ De modo inapropriado esta carta é datada de 24 de fevereiro de 1929 na nova edição brasileira dos *Cadernos do cárcere* (Gramsci, 1999-2001, v. 1, p. 78). Na edição das *Cartas do cárcere* organizada pela mesma equipe a data é registrada de modo correto (Gramsci, 2005, v. 1, p. 328).

desses processos no interior do Partido Comunista da Itália se fez sentir rapidamente e despertou resistências. Em março de 1929, *Lo Stato Operaio*, publicação do PCd'I dirigida por Togliatti em Paris anunciava que a discussão sobre as questões internacionais realizadas no Comitê Central "revelou existência, também no seu interior, de uma diferenciação que se dá seguindo aproximadamente as mesmas linhas das diferenciações que se deram propósito da aceitação ou da interpretação das decisões do VI Congresso Mundial, em quase todos os outros partidos da Internacional." (*Apud Fiori* p. 310.).

O afastamento de Bukharin e de Humbert-Droz da direção da Internacional em julho de 1929 foi seguido na Itália pela expulsão de Angelo Tasca, em setembro de 1929 e de Amadeo Bordiga, em janeiro de 1930 (Spriano, 1976, v. II, p. 227-229 e 254-255). Poucas vezes se levantaram para defender Tasca e Bordiga, em aberta rota de colisão com a direção do partido há mais tempo. Maior impacto sobre o grupo dirigente do PCd'I teve, entretanto, as divergências que explodiram a partir de janeiro de 1930 no interior do Buro político do partido, dando origem à oposição dos três: Alfonso Leonetti, diretor da imprensa ilegal, Pietro Tresso, chefe do movimento sindical, e Paolo Ravazzoli, do buro de organização. Os conflitos, que tiveram início com questões referentes à organização do partido, logo assumiram como centro o caráter da luta contra o fascismo e a crítica política do terceiro período na Internacional Comunista, levando "os três" a uma rápida aproximação com a Oposição de Esquerda Internacional liderada por Leon Trotsky, à expulsão deles em 9 de junho do mesmo ano e à criação da Nova Oposição Internacional.⁴

⁴ Uma versão hostil aos "três" e simpática a Togliatti encontra-se em Spriano (1976, v. II, cap. 13). A versão de Togliatti pode ser lida no seu relatório à comissão italiana do Executivo da Internacional Comunista (Togliatti, 1973, v. III, I, p. 248-280). Os documentos da Nova Oposição Italiana podem ser encontrados em Massari (2004). O próprio Massari destaca a proximidade que marcava nesse período as posições de Gramsci e da Nova Oposição Internacional (Massari, 1996).

Leonetti havia sido muito próximo de Gramsci desde o tempo do *Ordine Nuovo* e as posições defendidas pela oposição italiana não eram muito diferentes das que ele próprio manifestava já antes da prisão e durante ela. Desde 1926, data de sua correspondência a Togliatti manifestando sua discordância a respeito do rumo tomado pela luta contra a Oposição Unificada, pairava sobre o marxista sardo na Internacional Comunista a suspeita de ter sido pró-trotskista (Cf. Natoli, 1990, p. 76). No ambiente paranóico e persecutório, que caracterizou a guinada do “terceiro período” na Internacional Comunista e a “*svolta*” no partido italiano, as dúvidas sobre o posicionamento de Gramsci a respeito da expulsão devem ter surgido imediatamente.

A pedido de Togliatti, Gennaro o irmão de Gramsci regressou à Itália para visitá-lo na prisão de Turi, informá-lo a respeito da expulsão dos “três” e recolher sua opinião. De volta a Paris, Gennaro informou a Togliatti: “Nino está totalmente alinhado com vocês” (*Apud* Fiori, 1979, p. 312). No depoimento dado a Fiori, Gennaro contou outra versão: “A linha do irmão era a de Leonetti, Tresso e Ravazzoli. Não justificava a expulsão deles e rejeitava a nova orientação da Internacional, compartilhada por Togliatti, na sua opinião, muito apressadamente” (Fiori, 1979, p. 312). Essa versão é considerada “verossímil” até mesmo por Spriano (1976, v. II, p. 280), mas a existência de suspeitas na Internacional Comunista sobre Gramsci tem sido questionada por historiadores vinculados à tradição togliattiana.

O próprio Togliatti se encarregou de construir a lenda de um Gramsci partidário de Stálin ao desfigurar de modo grotesco as posições do marxista sardo e afirmar que este dizia no ano de 1930 aos comunistas que se mostravam simpáticos às idéias dos opositoristas que Trotsky era “la puttana del fascismo”. (Togliatti, 1972, p. 36.) Gramsci, desse modo, era colocado sob a bandeira invencível de Marx-Engels-Lenin-Stalin” (Idem). Embora Guido Liguori considere essa afirmação “sem fundamento e hoje não justificável” afirma, também “sem fundamento”, que o procedimento de Togliatti era parte de uma operação para salvar Gramsci: “Traído na letra, Gramsci era recuperado por Togliatti na substância e introduzido na cultura

italiana, onde havia iniciado seu próprio caminho, longo, gradual e autônomo.” (Liguori, 1996, p. 74 e 242.)

Não restam dúvidas, entretanto, de que Gramsci estava em desacordo com a política da Internacional Comunista e com a aplicação desta por Togliatti no PCd’I e de que a alternativa política por ele desenhada a Assembléia Constituinte, era idêntica à proposta pela Nova Oposição Internacional. Este é, sem dúvida, um ponto incômodo para a historiografia togliattiana. Spriano tentava resolver a situação, invertendo os papéis. Para o historiador do PCd’I, foi Trotsky quem chegou a partilhar muitas das posições de Gramsci e Terracini (Spriano, v. II, p. 274.). Sem fazer menção à crítica ao programa da Internacional Comunista, redigida em 1928 (Trotsky, 1974), Spriano retirava do marxista russo sua antecipação crítica ao “terceiro período” e à teoria do “social-fascismo”. Já que em sua narrativa era Trotsky quem concordava com Gramsci e não o contrário, isso lhe permitiu alinhar de modo rudimentar as passagens dos *Quaderni* nas quais Gramsci critica a Trotsky e afirmar que “se bem chamar Gramsci de staliniano pode não ter um sentido exato, menos ainda terá hipotetizar sua solidariedade com Trotsky.” (Spriano, 1976, v. II, p. 276.) E, no entanto, há o “verossímil depoimento de Gennaro e a identidade da política antifascista entre o marxista sardo e o russo...

Também não há dúvidas de que as notícias levadas por Gennaro causaram em seu irmão forte impacto. Em carta datada de 16 de junho, próprio Gramsci confessou esse impacto a sua cunhada: “Recebi há pouco a visita de meu irmão, o que provocou um movimento de ziguezague a meus pensamentos.” (L, p. 350.) Ao que tudo indica, depois da visita Gramsci teria solicitado às autoridades prisionais permissão para ler alguns livros de Trotsky: “sua autobiografia traduzida também em italiano e publicada pela Casa edit. Mondadori e estes outros dois: *La révolution défigurée* e *Vers le capitalism ou vers le socialisme.*” (L, p. 364.) Uma carta de 1º de dezembro de 1930 à mesma Tania informa que depois de muita insistência sua requisição foi atendida e pede que lhe envie a autobiografia de Trotsky, mas não faz menção aos outros dois livros (L, p. 385).

Foi em 1930 que o marxista italiano deu início a uma série de discussões com seus companheiros de infortúnio (Fiori, 1979, p. 308-318 e Buci-Glucksmann, 1980, p. 303-310). O tema mais importante da política italiana de então era, para Gramsci, a questão da Constituinte e de sua eficácia na luta contra o fascismo, mas este era articulado, segundo narrado por Athos Lisa, um dos participantes, com a questão dos “intelectuais e o partido” e com o tema do “problema militar e o partido”. É a partir desse momento que a crítica da política assume o centro do projeto gramsciano.

O projeto gramsciano de pesquisa procurava, desse modo, superar um conjunto de fraturas que havia se estabelecido no interior do pensamento marxista, com graves desdobramentos no nível da tática política. Em primeiro lugar, fratura entre filosofia, história e política; em segundo lugar, a fratura entre materialismo histórico e materialismo dialético; em terceiro lugar, fratura entre estrutura e superestrutura; e, em quarto lugar, fratura entre teoria e prática, que implica a afirmação do predomínio de um termo sobre outro. A superação dessas fraturas era para Gramsci o programa de pesquisa de um intelectual coletivo socialista. As novas preocupações de Gramsci na prisão e suas conversas com os colegas apontavam nessa direção. Em uma nota escrita no *Quaderno 8*, provavelmente entre os meses de novembro e dezembro de 1930, Gramsci reforçava suas preocupações indicadas na carta a Tânia de 25 de março de 1929, expandindo-as.⁵ Escrevia ele:

“Notas esparsas e apontamentos para uma história dos intelectuais italianos (...)”

Ensaio principal: Introdução geral. Desenvolvimento dos intelectuais italianos até 1870: diversos períodos. – A literatura popular dos romances de folhetim. – Folclore e senso comum. – a questão da língua literária e dos dialetos. – Os filhotes do Padre Bresciani. – Reforma e Renascimento. – Maquiavel. A escola e a educação

⁵ A data da nota é sugerida por Gianni Francioni (1984, p. 142).

nacional. – A posição de B. Croce na cultura italiana até a guerra mundial. – O Risorgimento e o partido de ação. – Ugo Foscolo na formação da retórica nacional. – O teatro italiano. – História da Ação Católica: católicos integristas, jesuítas, modernistas. – A Comuna medieval, fase econômico-corporativa do Estado. – Função cosmopolita dos intelectuais italianos ao século XVIII. – Reações à ausência de um caráter popular-nacional de cultura na Itália: os futuristas. – A escola única e o que ela significa para toda a organização da cultura nacional. – O ‘lorianismo’ como uma das características dos intelectuais italianos. – A ausência de ‘jacobinismo’ no Risorgimento italiano. – Maquiavel como técnico da política e como político integral ou em ato. Apêndices: Americanismo e fordismo” (Q, 935).

Esta nota era antecedida por um conjunto de ressalvas que Gramsci fazia a seu próprio trabalho e que permitem definir de modo mais preciso o sentido atribuído a elas pelo seu autor. O objetivo dessas notas não era uma “compilação enciclopédica” sobre os intelectuais. Os “*Saggi principale*” eram de caráter provisório e a partir delas seria possível construir alguns ensaios independentes, mas não um trabalho orgânico e sistemático. Entretanto, é importante destacar que essa nota não circunscreve o âmbito do conjunto da pesquisa gramsciana, o que é indicado pela inscrição “*Apêndices*”, seguida apenas de “*Americanismo e fordismo*”. O resto da página se encontra em branco, mas é possível que Gramsci pretendesse enumerar ali outros temas que não encontrassem lugar nesse conjunto de ensaios sobre os intelectuais.

No estágio no qual se encontravam os cadernos já redigidos é possível perceber que nem todo o material já escrito ali presente encontraria seu lugar nesse conjunto de ensaios sobre os intelectuais. Além do tema “*Americanismo e fordismo*”, já previsto na carta a Tânia e cuja inclusão como apêndice revela seu caráter autônomo, poderíamos incluir nessa categoria aquelas notas registradas sob a rubrica *Appunti di filosofia*

presentes nos cadernos 4, 7 e 8. Por outro lado, mesmo temas indicados nesses “*Saggi principale*” receberiam, posteriormente, um desenvolvimento muito diferente, como o estudo sobre Benedetto Croce presente no *Quaderno 10*, que não se limita a seu papel no pós-guerra (Cf. Gerratana, 1997, p. 16).⁶

Qual o lugar dessa passagem do caderno 8 na história interna dos *Quaderni del carcere*, pergunta Francioni: “Não propriamente uma reformulação do conjunto do programa de trabalho gramsciano, mas um projeto orgânico para a sistematização e o desenvolvimento de uma seção vasta e autônoma” (1984, p. 78). Não é de se minimizar o lugar da questão dos intelectuais no conjunto da reflexão gramsciana e nos *Quaderni*. De fato, não apenas encontramos essa questão em sua obra pré-carcerária, como esse tema encontra-se presente em todo os diferentes planos que Gramsci fez para a redação dos *Quaderni*. Mas a questão dos intelectuais, apesar de sua importância, não esgotava a pesquisa gramsciana como dá a entender Gramsci em uma carta redigida em 17 de novembro de 1930, data próxima à nota, que resume o conteúdo desta:

“Dê-me em três ou quatro temas principais, um dos quais é aquele da função cosmopolita que tiveram os intelectuais italianos até o século XVIII, que por sua vez se divide em várias partes: o Renascimento e Maquiavel, etc. Se tivesse a possibilidade de consultar o material necessário, acredito que daria para fazer um livro realmente interessante e que ainda não existe; digo livro, só para me referir à introdução a uma série de trabalhos monográficos, porque a questão se apresenta

⁶ De acordo com a datação de Francioni, os *Apuntti* do caderno 4 já se encontravam totalmente redigidos quando da nota no *Quaderno 8*, enquanto que o início dos *Apuntti* do *Quaderno 7* coincidem com a redação da nota e lhe sucedem. Evidentemente os *Apuntti* do *Quaderno 8* são posteriores à nota escrita na primeira página. (Francioni, 1984, p. 141-142)

diferentemente nas diferentes épocas e, em minha opinião, seria preciso reconduzir ao tempo do Império Romano. Enquanto isso escrevo notas, até porque a leitura de relativamente pouco que tenho me faz recordar as velhas leituras do passado.” (L, p. 378. Grifos meus)

O tema dessa carta é retomado em outra de 3 de agosto de 1931, posterior, portanto, à redação da nota. Nesta missiva, o marxista sardo avaliava as dificuldades para o desenvolvimento de sua pesquisa e provavelmente, do próprio plano dos “*Saggi principale*”. “Havia me proposto pensar uma certa série de questões”, afirmava, para a seguir constatar que “devia acontecer que, num certo ponto, estas reflexões deveriam passar a uma fase de documentação e, portanto, a uma fase de trabalho e de elaboração que requer grandes bibliotecas.” A ausência de meios técnicos que lhe permitissem levar adiante o estudo dessas “questões” não lhe impedia, entretanto, de continuar seu trabalho, “mas o fato é que não tenho mais grandes curiosidades por determinadas direções gerais, pelo menos por enquanto”, concluía consternado. E a seguir afirmava enquadrando sua pesquisa sobre os intelectuais em uma temática mais ampla até então não revelada nos diferentes planos dos *Quaderni*:

“um dos argumentos que mais me interessaram nestes últimos anos foi fixar alguns aspectos característicos na história dos intelectuais italianos. Este interesse nasceu, por um parte, do desejo de aprofundar o conceito de Estado e, por outra parte, de compreender alguns aspectos do desenvolvimento histórico do povo italiano.” (L, 459-460.)

Poucas horas depois de redigir essa carta, na noite do mesmo dia Gramsci foi acometido por uma grave crise de saúde. Não é possível atribuir exclusivamente a essa crise as transformações pelas quais passará seu plano de pesquisa e redação, mas certamente ela influenciou seu ritmo. Após aquela noite abandona, conforme nota Gerratana, os exercícios de tradução e concentra

suas forças no aprofundamento da pesquisa e em sua reestruturação em uma nova série de cadernos, que denominará de “especiais” (Gerratana, 1997, p. 37-38). Em carta a Tania de 22 de fevereiro de 1932 já antecipava essa intenção, solicitando-lhe o envio de pequenos cadernos, “para reordenar estas notas, dividindo-as por argumento e, desse modo, sistematizando-as” (L, p. 576).

De acordo com a datação de Francioni, pouco depois da carta, provavelmente entre março e abril de 1932, Gramsci redigirá no caderno 8, na página seguinte do projeto dos “*Saggi principale*”, a última versão de seu plano de trabalho, denominando-a “*Raggruppamenti di materia*” (Francioni, 1984, p. 85-93):

“*Reagrupamento de matéria:*

1º *Intelectuais. Questões escolares.*

2º *Maquiavel.*

3º *Noções enciclopédicas e temas de cultura.*

4º *Introdução ao estudo da filosofia e notas críticas a um Ensaio popular de sociologia.*

5º *História da Ação Católica. Católicos integristas – jesuítas – modernistas.*

6º *Miscelânea de notas variadas de erudição (Passado e presente).*

7º *Risorgimento italiano (no sentido da *Età del Risorgimento italiano de Omodeo*, mas insistindo sobre os motivos mais estritamente italianos.*

8º *Os sobrinhos do Padre Bresciani. A literatura popular (Notas de literatura).*

9º *Lorianismo.*

10º *Apontamentos sobre jornalismo.” (Q, 936.)*

Este não é um plano completo, mas é o último dos projetos de Gramsci para os *Quaderni*. Para Gerratana, embora não seja definitiva, a proposta do “Reagrupamento de matéria” encerrava um projeto de cadernos monográficos que se materializaria nos chamados “cadernos especiais” (1997, p. 38). Francioni, por sua vez, considera esse “*Raggruppamenti di*

materia” um “índice incompleto” com vistas à construção dos cadernos monográficos e, ao mesmo tempo, um desenho alternativo aos “*Saggi principale*” sobre os intelectuais listados na página anterior.

A redação dos cadernos especiais tem início em 1932, agrupando tematicamente o material previamente escrito, reformulando-o e acrescentando novas e inéditas passagens. À medida que transcrevia o material para os novos cadernos, seu autor riscava nos antigos, com grandes traços oblíquos paralelos, as passagens reproduzidas, sem que no entanto isso compromettesse a posterior leitura. Os cadernos especiais iniciados foram os seguintes (a numeração foi dada posteriormente por Gerratana na edição crítica):⁷

- *Caderno 10 – A filosofia de Benedetto Croce (100 páginas)*
- *Caderno 11 – Sem título, mas cujo conteúdo corresponde ao item 4º do “Reagrupamento” (Introdução ao estudo da filosofia e notas críticas a um Ensaio popular de sociologia – 80 páginas).*
- *Caderno 12 – Apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais e da cultura na Itália (24 páginas em formato grande).*
- *Caderno 13 – Notas sobre a política de Maquiavel (60 páginas em formato grande).*
- *Caderno 16 – Argumentos de cultura, 1º (74 páginas)*
- *Caderno 18 – Nicolau Maquiavel II (3 páginas em formato grande).*
- *Caderno 19 – Sem título, mas cujo conteúdo corresponde ao item 7º do “Reagrupamento” (Risorgimento italiano – 132 páginas).*

⁷ Para as questões de método da edição crítica ver Gerratana (1997). Para a crítica da edição, Francioni (1984).

- *Caderno 20 – Ação Católica. – Católicos integrais, jesuítas e modernistas (23 páginas).*
- *Caderno 21 – Problemas da cultura nacional italiana, 1ª Literatura popular (32 páginas).*
- *Caderno 22 – Americanismo e fordismo (46 páginas).*
- *Caderno 23 – Crítica literária (75 páginas).*
- *Caderno 24 – Jornalismo (18 páginas).*
- *Caderno 25 – À margem da história (história dos grupos sociais subalternos) (17 páginas).*
- *Caderno 26 – Argumentos de cultura: 2º (11 páginas).*
- *Caderno 27 – Observações sobre o folclore (7 páginas).*
- *Caderno 28 – Lorianismo (18 páginas).*
- *Caderno 29 – Notas para uma introdução ao estudo da gramática (10 páginas).*

Como é possível verificar, os cadernos 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26 e 28 coincidem com os temas do “*Raggruppamenti*”. Por sua vez, o conteúdo do caderno 10 – *A filosofia de Benedetto Croce* – consta apenas parcialmente do plano dos “*Saggi principale*” mas não do “*Raggruppamenti*”; o tema do Caderno 22 – *Americanismo e fordismo* – coincide com o plano do Caderno 1 e o apêndice das “*Saggi principale*”; não há menção nos planos anteriores ao conteúdo do Caderno 25 – *À margem da história (história dos grupos sociais subalternos)* –; as *Observações sobre o folclore* do Caderno 27 estavam previstas nos planos do *Primo Quaderno* e dos “*Saggi principale*”; e as *Notas para uma introdução ao estudo da gramática* do Caderno 29 constavam da carta de 19 de março de 1927 e do Plano do *Primo Quaderno*.

A redação dos cadernos especiais foi bastante acidentada, seja pelas condições da vida carcerária, seja pela debilitada saúde de seu autor. Os cadernos especiais de número 16 em diante, particularmente, escritos a partir de meados de 1933, foram bastante afetados por essas condições. Gramsci, entretanto, manteve essa atividade intelectual até meados de 1935, quando a deterioração de suas condições de saúde o impediu de continuar. Logo depois foi transferido para uma clínica de saúde em liberdade

condicional, mas não terá mais condições para exercer seu labor nos *Cadernos*. Em abril de 1937 foi posto em liberdade, mas morreu poucos dias depois, em 27 de abril de 1937.

A evidente discrepância existente entre os projetos desenhados por Gramsci e os cadernos especiais é um problema a ser esclarecido e sobre o qual só é possível construir hipóteses. Fabio Frosini no seminário sobre os *Quaderni del carcere* ocorrido em 2000, em Roma, procurou abordar essa questão (Cf. Frosini, 2003, p. 62-65). Com esse propósito sugeriu a hipótese de que esse reagrupamento temático tivesse sido abandonado (mas não repudiado), por Gramsci, em um primeiro momento. De acordo com Frosini, entre a primavera e o verão de 1932, Gramsci teria oscilado entre duas hipóteses de trabalho: uma, presente no “*Raggruppamenti di materia*”, que daria a pesquisa por encerrada e procuraria organizar disciplinarmente o material recolhido e outra, presente no elenco de “*Saggi principale*” com vistas a inaugurar uma segunda fase do trabalho de pesquisa sobre os intelectuais e que, conforme a carta de 7 de setembro de 1931 a Tania, deveria ser completado por um elenco de ensaios sobre a teoria da história e da historiografia e outro sobre americanismo e fordismo (Idem, p. 63.).

Investigando sua estrutura e história, Frosini (2003, p. 65) chama a atenção para o fato de que o título que organiza o elenco dos “*Saggi principale*” – “*Note sparse e appunti per una storia degli intellettuali italiani*” – é quase idêntico ao título que Gramsci dá ao *Quaderno 12* – “*Appunti e note sparse per un gruppo di saggi sulla storia degli intellettuali e della cultura in Italia*”. A similaridade indicaria que o *Quaderno 12* seria a materialização do projeto de exposição desenhado nos “*Saggi principale*”.

Permanece a questão identificada pelo próprio Frosini: o resultado do *Quaderno 12* apresenta uma clara contradição entre o título e seu conteúdo e uma congruência entre esse mesmo conteúdo e a proposta temática contida no “*Raggruppamenti di materia*” sob a rubrica

“*Intellettuali. Quistione scolastiche*” (Idem, p. 66).⁸ Por que essa contradição e essa congruência? Frosini dá a entender que o projeto inicial não foi aquele de fato levado a cabo e que o projeto do “*Raggruppamenti di materia*” foi retomado como um programa mínimo de trabalho, após a gravíssima crise de saúde de 7 de março de 1933 (Idem, p. 66).

Mas é de se questionar se, de fato, o *Quaderno 12* começou a ser redigido como parte do programa anunciado pelo conjunto dos “*Saggi principale*”. Ainda em agosto de 1931, cerca de seis meses depois, portanto, da redação do elenco de “*Saggi principale*”, Gramsci colocava em dúvida seu programa de pesquisa: “Pode-se dizer que já não tenho mais um verdadeiro programa de estudos e de trabalho”, afirmava na ocasião (L, p. 459). São várias as razões das idas e vindas dos projetos. Notável é, por exemplo, a pressão que seu amigo Piero Sraffa fazia por intermédio de Tania, incentivando-o a assumir projetos mais circunscritos que evitassem o desperdício de energias físicas e intelectuais. Depois de sugerir que Gramsci fizesse algumas traduções, Sraffa passou a incentivá-lo a dedicar-se à questão dos intelectuais.⁹

Respondendo à pressão que Sraffa fazia por intermédio de Tânia, Gramsci afirmou em uma carta de 7 de setembro de 1931 que “se tiver

⁸ De fato, o § 1 do *Quaderno 12* não tem título, mas está dedicado á questão dos intelectuais, assim como o § 3 do mesmo *Quaderno*, e o § 2 intitula-se “*Osservazioni sulla scuola: per la ricerca del principio educativo*”. O *Quaderno 12* é composto apenas por esses três parágrafos citados e reúne textos de segunda redação presentes anteriormente no *Quaderno 4*.

Gramsci percebe claramente essa interlocução com o amigo por intermédio de sua cunhada e é com ele que dialoga de modo implícito em vários momentos. Na carta de 7 de setembro de 1931, por exemplo, Gramsci escreve a sua cunhada: “Percebe-se que você falou com Piero [Sraffa], porque certas coisas só ele pode ter lhe dito.” E na mesma carta envia mensagem claramente destinada ao amigo mas construída de modo cuidadoso, de modo a evitar a censura: “Li, num artigo do senador Einaudi, que Piero está preparando uma edição crítica do economista inglês David Ricardo; Einaudi dialoga muito a iniciativa e eu também fico muito contente.” (L, p. 480-481) Para a reconstrução dessa interlocução ver Sraffa (1991).

vontade e me permitirem as autoridades superiores farei um esboço da matéria que não deverá ter menos do que cinquenta páginas” (L, p. 482). Mas permanecia com todas as suas dúvidas a respeito, como podemos ver em uma carta de 2 de maio de 1932:

“Não sei se vou lhe mandar algum dia o esquema que havia prometido sobre os ‘intelectuais italianos’. O ponto de vista do qual observo a questão às vezes muda: talvez seja ainda cedo para resumir e sintetizar. Trata-se de uma matéria ainda em estado fluido, que deverá ser posteriormente mais elaborada.” (L, p. 615.)

Não tem sido suficientemente destacado que esta carta coincide com o início da redação do *Quaderno 12*. As dúvidas sobre o programa de investigação e o modo de exposição do resultado de sua pesquisa atingiam, portanto, a proposta contida nos “*Saggi principale*”. Se sublinho as dúvidas de Gramsci a respeito de seu trabalho sobre os intelectuais é para destacar o caráter provisório e incompleto não apenas da exposição de sua investigação, mas também da própria investigação. O autor dos *Quaderni* era muito cuidadoso a esse respeito e em três ocasiões faz referência a essa provisoriedade. (Ver a discussão desses textos em Frosini, 2003, p. 73-74 e Baratta, 2004, p. 95n.)

A primeira dessas ocasiões encontra-se no *Quaderno 4*, no interior dos *Appunti di filosofia I*. Ao final de uma nota, escrita provavelmente entre maio e agosto de 1930, a respeito da teleologia no manual de materialismo histórico de Nicolai Bukharin, irrompe entre parênteses, sem qualquer conexão com o tema tratado nesse texto, uma mensagem de alerta:

“Recordar em geral que todas estas notas são provisórias e escritas ao correr da pluma: elas devem ser revistas e controladas minuciosamente porque certamente contêm inexatidões, anacronismos, falsas aproximações, etc. que não implicam danos porque as notas têm apenas a missão de rápido pró-memória.” (Q 4, § 16, p. 438.)

O segundo sinal de alerta foi redigido, provavelmente, entre novembro e dezembro de 1930, no *Quaderno 8*. Trata-se do texto que, colocado logo após o título “*Note sparse e appunti per una storia degli intellettuali italiani*”, antecede o elenco de “*Saggi principale*”. Essas linhas têm um claro sentido metodológico, orientando os procedimentos de pesquisa e de registro dos resultados:

“1º Caráter provisório – de pró-memória – de tais notas e apontamentos; 2º Delas poderão resultar ensaios independentes, não um trabalho orgânico de conjunto; 3º Ainda não pode haver uma distinção entre a parte principal e aquela secundária da exposição, entre aquilo que seria o ‘texto’ e aquilo que deveriam ser as ‘notas’; 4º Trata-se freqüentemente de afirmações não controladas, que poderiam ser denominadas de ‘primeira aproximação’: algumas delas poderão ser abandonadas nas pesquisas ulteriores e talvez a afirmação oposta pudesse demonstrar-se a exata; 5º Não devem causar uma má impressão a vastidão e a incerteza dos limites do tema, por causa do que dizemos acima: não há absolutamente a intenção de compilar uma mistura confusa sobre os intelectuais, uma compilação enciclopédica que queira preencher toda as ‘lacunas’ possíveis e inimagináveis.”
(*Q 8*, p. 935.)

O tom desta segunda nota é, como pode se ver facilmente, de extrema cautela. A afirmação de que o caráter provisório das notas não implicaria danos a seu conteúdo presente no primeiro texto é abandonada. Em seu lugar, a nota do *Quaderno 8* afirma claramente que talvez elas contivessem graves erros e que precisassem ser abandonadas ou corrigidas. Um terceiro e último sinal de alerta, redigido no ano de 1932, aparecerá na “*Avvertenza*” que abre o *Quaderno 11*. Trata-se de uma segunda versão do texto presente no *Quaderno 4* acima citado:

“As notas contidas neste caderno, como nos demais, foram escritas ao correr da pluma, para um rápido pró-memória. Elas devem ser completamente revistas e controladas: minuciosamente porque contem certamente inexatidões, falsas aproximações, anacronismos. Escritas sem ter presente os livros a que se referem, é possível que após o controle devam ser radicalmente corrigidas porque exatamente o contrário do que se afirma resulta ser o verdadeiro.” (Q II, p. 1365.)

Agora o autor reconhece não apenas que pode haver erros como também que as notas poderiam ser “radicalmente corrigidas”. A presença dessa “Avvertenza” no início do *Quaderno II*, o mais acabado de todos, é significativa. Mas significativa para quem? Para o autor das notas a advertência deveria ser óbvia e, portanto, dispensável. Se os *Quaderni del carcere* fossem apenas o registro de uma investigação em andamento, um “caderno de campo” no qual o pesquisador registrava suas reflexões e o resultado de sua atividade científica, se estas notas se destinavam apenas à leitura de seu próprio autor, então, que sentido teria essa advertência?

Gramsci parece, com esses sinais de alerta, antever o destino que seus *Quaderni* teriam. É sabido que sempre ofereceu resistência à publicação de trabalhos que não considerava prontos. Na já citada carta a Tania de 7 de setembro de 1931 ilustra essa sua atitude: “Em dez anos de jornalismo escrevi linhas suficientes para constituir 15 ou 20 volumes de 400 p[áginas], mas essas eram escritas no dia-a-dia e deviam, a meu ver, morrer no fim do dia. Sempre recusei fazer coletâneas, mesmo limitadas.” (L, p. 480.) Foi por essa razão que evitou, em 1918, autorizar a publicação de uma seleção de artigos publicados em Turim e que, em 1921, preferiu recolher o manuscrito que já se encontrava em vias de publicação na editora de Giuseppe Prezzolini, pagando os custos de uma parte já feita da composição (Idem).

Mas os alertas dos *Quaderni* parecem estar assentados não apenas na conhecida prudência de seu autor como na convicção da incompletude e

provisoriamente do material reunido e na percepção de que essa condição poderia não ser reconhecida por eventuais leitores. Escrevendo a respeito da obra de Marx, Gramsci colocava a questão de fundo:

“Entre as obras do pensador dado, além disso, é preciso distinguir aquelas que ele concluiu e publicou daquelas que permaneceram inéditas, porque não concluídas, e foram publicadas por amigos e discípulos, com revisões, modificações, cortes, ou seja, com uma intervenção ativa do editor. É evidente que o conteúdo desta obra póstuma deve ser tomado com muito discernimento e cautela, porque não pode ser considerado definitivo, mas apenas material ainda em elaboração, ainda provisório; não pode excluir-se que essas obras, especialmente se há muito em elaboração sem que o autor não se decidisse nunca a completá-las, (no todo ou em parte) fossem repudiadas pelo autor ou consideradas insatisfatórias.” (Q, 16, § 2, p. 1842.)

Os alertas emitidos pelo marxista sardo tardaram a ser ouvidos. Após sua morte, sua cunhada Tatiana e o líder comunista Palmiro Togliatti se encarregaram de recuperar os *Cadernos* e de levá-los em segurança para Moscou. A primeira notícia sobre a publicação dos *Quaderni* foi dada pelo próprio Togliatti em um artigo não assinado publicado no dia 30 de abril de 1944 no jornal do Partido Comunista Italiano, *L'Unita*:

“O tema principal [dos Quaderni] é uma ‘história dos intelectuais’ na qual é examinada criticamente a função assumida pelos intelectuais como instrumento das castas dirigentes para manter o próprio domínio sobre as classes populares, a rebelião de alguns grandes pensadores perante essa função e os acontecimentos relativos da história e do pensamento italiano (...) um caderno inteiro trata da filosofia de B[enedetto]. Croce, o papa laico (...) cuja ditadura sobre a intelectualidade do último

século encobre e assegura a ditadura da casta burguesa reacionária na ordem econômica e política” (Apud Liguori, 1996, p. 40.)

O artigo de Togliatti já fixava uma modalidade de divulgação da obra de Gramsci que assumiria sua forma material com a reorganização temática dos cadernos. Em 1947 a editora Einaudi lançou o primeiro volume das obras de Antonio Gramsci (*Lettere dal carcere*) e a partir de 1948 vieram à luz os cadernos, organizados tematicamente e publicados com os seguintes títulos: *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce* (1948); *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura* (1949); *Il Risorgimento* (1949); *Note sul Macchiavelli, sulla politica e sullo Stato moderno* (1949); *Letteratura e vita nazionale* (1950); e *Passato e presente* (1951). A reorganização não é completamente arbitrária, na medida em que poderia ser justificada a partir do “*Raggruppamenti di matéria*” do *Quaderno 8*. Mas nem por isso deixa de ser problemática. A edição misturava material escrito nos cadernos miscelâneos com o material dos cadernos especiais, fundia notas redigidas em momentos diferentes e mudava sua ordem.

Em alguns casos o material inserido por Gramsci em um caderno era, simplesmente, descartado. Em *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce* não constavam oito parágrafos presentes no *Quaderno 10* e quatro eram transcritos apenas parcialmente. Do *Quaderno 11*, a advertência e duas notas permaneceram inéditas (Cf. Francioni, 1987, p. 20-21). Como editor dos *Quaderni*, o líder comunista Palmiro Togliatti também eliminou importantes passagens consideradas comprometedoras pelo Partido Comunista Italiano. Foram acrescentados, também, prefácios que tinham por objetivo orientar o leitor em determinadas direções. Assim, já no *Prefácio* dos editores do primeiro dos volumes é possível ler: “Esses escritos de Gramsci não poderiam ser avaliados e compreendidos de modo adequado, se não tivessem sido adquiridos os progressos realizados pela

concepção marxista nas três primeiras décadas deste século, devido à atividade teórica e prática de Lenin e Stalin.” (Gramsci, 1948, p. XVI.)¹⁰

Os problemas são acumulativos. Em primeiro lugar, induzem o leitor a considerar o texto gramsciano como um todo plenamente acabado e coerente. Não apenas o caráter fragmentário da obra tornava-se opaco ao leitor, como o agrupamento das notas seguiu o critério de uma “enciclopédia das ciências”, de caráter humanista e até mesmo acadêmico, “uma hierarquia disciplinar de tipo medieval e idealista: primeiro a filosofia, depois a cultura em geral, a história, a política e, por último, a literatura e a arte” (Monasta, 1985, p. 32) na qual “filósofos, historiadores, políticos, letrados poderiam, assim, encontrar textos de interesse deles.” (Baratta, 2004, p. 65.)

Em segundo lugar, a particular modalidade de investigação do autor dos *Quaderni*, “o ritmo do pensamento”, como gostava de dizer, era apagado e perdiam-se as reais determinações dos conceitos por ele elaborados.¹¹ A própria ordem de publicação dos escritos tendeu a fazer com que a emergência da crítica da política na sua produção carcerária perdesse a

¹⁰ A afirmação repete o grosseiro retrato construído por Palmiro Togliatti no artigo “Il capo della classe operaia italiana”, publicado em *Lo Stato operaio* em 1937, na qual um Gramsci aparece (e perece) portando a “bandeira invencível de Marx-Engels-Lenin-Stalin” (Togliatti, 1972, p. 36). Para o secretário-geral do PCI, Gramsci não apenas seria portador desse estandarte como um discípulo teórico de Stalin: “Gramsci desenvolveu, de 1924 a 1926, uma atividade excepcional. São deste período os escritos de Gramsci dedicados principalmente a elucidar as questões teóricas da natureza do partido, de sua estratégia, de sua teoria e de sua organização, nos quais se sente mais forte a influência profunda exercida sobre ele pela obra de Stalin.” (Idem, p. 30.) A operação de transformação de Gramsci em um stalinista levada a cabo por Togliatti foi interpretada como uma tentativa de “salvaguardar o nome de Gramsci” perante a Internacional Comunista (p. ex. Liguori, 1996, p. 17), mas se parece mais com uma tentativa de salvaguardar a si próprio e ao stalinismo, apropriando-se do prestígio do marxista sardo.

¹¹ Notável foi a confusão causada por esse procedimento em torno dos conceitos de hegemonia, Estado e sociedade civil. Para um exemplo dessa confusão ver o conhecido ensaio de Perry Anderson (1986) e a crítica de Francioni a seu respeito (1985, p. 147-228.)

força original e o autor assim reconstruído se aproximasse muito da imagem de um crítico da cultura e teórico das superestruturas, tão divulgada. O prefácio de *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce* reforçava o sentido dessa reconstrução, definindo os escritos ali reunidos como “o coroamento de toda a pesquisa conduzida por Gramsci nos anos de prisão, a justificativa teórica, filosófica da impostação dada ao problema dos intelectuais e da cultura.” (Gramsci, 1948, p. XVI.)¹²

Em terceiro lugar a inserção dos prefácios e de notas dos editores produziam um Gramsci stalinizado. O prefácio já citado indica isso, mas o que dizer da seguinte nota inserida pelos editores italianos ao texto, uma caricatura stalinista da teoria da revolução permanente de Leon Trotsky. “Gramsci usa o termo revolução permanente para indicar a interpretação errada de Trotski (uma transformação política levada a cabo por uma minoria sem o apoio das grandes massas) à fórmula de Karl Marx. Por isso o autor a coloca entre aspas.” (Gramsci, 1991, p. 48n.)

Foi com base nessa primeira edição togliattiana que foram primeiramente publicados no Brasil os volumes dos *Quaderni del carcere*, a partir do final dos anos 1960.¹³ Com traduções e preparação dos originais de Luiz Mário Gazzaneo, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, a edição brasileira reproduzia os problemas da edição original e acrescentava sua cota. Os prefácios da edição togliattiana foram sumariamente suprimidos deixando o leitor brasileiro sem saber que se tratava de uma reconstrução do texto original, mas as notas “esclarecendo” passagens do original foram mantidas. A edição brasileira também optou por suprimir os volumes O

¹² Sobre a primeira edição dos *Quaderni* ver Gerratana (1997, 57-72). O debate que antecedeu e se seguiu a esta edição e, particularmente, seu nexa com o giro político do PCI após a Segunda Guerra Mundial (a denominada “svolta di Salerno” ver Liguori (1996, p. 28-52). Sobre o sentido político da operação de edição dos *Quaderni* 10 e 11 ver a hipótese de Francioni (1987, p. 45.)

¹³ Para evitar um juízo anacrônico vale ressaltar que essa era a única edição disponível quando da primeira edição brasileira.

Risorgimento e Passado e Presente, o que não deixou de ter grande impacto na recepção de Gramsci no Brasil.¹⁴

A tradução também trazia seus problemas próprios, sendo o mais gritante a passagem na qual a revolução “*quarantottesca*” (Q, p. 1566) – referente às revoluções de 1848 – se transforma por um passe de mágica em “jacobino-revolucionária” (Gramsci, 1991, p. 92). Coincidentemente, o exercício de prestidigitação aparece quando Gramsci discute a teoria da revolução permanente, o que aponta para uma leitura da parte dos tradutores que tendia a criar um Gramsci “reformista”, adversário da insurreição, mesmo que à custa da fidelidade de seu pensamento. Também grave é a tradução de *liberismo*, de uso freqüente no idioma italiano e referente a livre-cambismo por “liberalismo”, também existente em italiano mas que se refere ao movimento político de defesa das liberdades individuais (Idem, p. 32).

Felizmente, a partir de 1975 pudemos contar com uma edição crítica dos *Quaderni del carcere*, publicada na Itália pela mesma editora Einaudi, sob a responsabilidade de Valentino Gerratana. A edição trouxe à luz a totalidade dos cadernos escritos por Gramsci na prisão – com a exceção dos quatro dedicados à tradução – organizados cronologicamente. Seguindo as ocasionais indicações de Gramsci em suas cartas e nos próprios *Cadernos*, a edição crítica de Valentino Gerratana numerou todos os cadernos cronologicamente de 1 a 29 (são excluídos da numeração os cadernos de tradução), bem como os parágrafos em seu interior. Os cadernos foram, também, divididos em miscelâneos, onde predominam as notas esparsas sobre vários temas (cadernos 1 a 9, 14, 15 e 17) e especiais (10 a 13, 16, 18 a 29), mas apresentando-os contiguamente, de acordo com a sua numeração.

A edição Gerratana também divide os parágrafos em textos A, redigidos nos cadernos miscelâneos e reescritos, com ou sem modificações,

¹⁴ Avaliações críticas dessa edição e de seu impacto nos estudos gramscianos brasileiros podem ser vistas em Nosella, 2004, p. 27-35 e Dias, 1996.

nos cadernos especiais como textos C; e textos B, de redação única, presentes na maioria das vezes nos cadernos miscelâneos. Tal apresentação permite uma reconstrução do percurso da reflexão gramsciana ao longo de seus anos de prisão. Não faltaram as críticas à edição, como aquelas apresentadas por Gianni Francioni, que sugere uma nova datação dos cadernos e propõe uma separação mais nítida entre os miscelâneos e os especiais. As críticas não retiram, entretanto, o valor da edição Gerratana, que se tornou uma ferramenta indispensável para um tratamento mais aprofundado da produção intelectual gramsciana. Sua grande virtude está, como o editor aponta, na possibilidade de captar a unidade do pensamento de Antonio Gramsci no próprio processo de sua construção:

“É de se discutir, entretanto, se o pensamento de Gramsci é mais unitário onde se apresenta de modo unitário, isto é, se é unitário apesar da sua fragmentação. O estudo do desenvolvimento do pensamento gramsciano no corpus dos Cadernos, aponta, parece, a outra conclusão, isto é, faz compreender o quanto esse pensamento é vivo e unitário por intermédio, propriamente, de sua fragmentação.” (Gerratana, 1997, p. 25.)

A opção dos editores brasileiros e, particularmente, de Carlos Nelson Coutinho quando decidiram lançar uma nova edição dos *Quadern del carcere* pela editora Civilização Brasileira não foi, entretanto, a edição Gerratana. Optaram por um modo misto, no qual a divisão temática é mantida, mas os cadernos especiais são apresentados integralmente nessas divisões, seguidos das passagens dos cadernos miscelâneos nas quais os temas eram tratados. Os textos A da edição Gerratana foram, entretanto, suprimidos. Os seis volumes são assim organizados:

Volume 1 – Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce.

Volume 2 – Os intelectuais, o princípio educativo. Jornalismo.

Volume 3 – Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.

Volume 4 – Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e fordismo.

Volume 5 – O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália.

Volume 6 – Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices. Variantes e índices.

Os méritos da presente edição são inegáveis. Os mais evidentes dizem respeito à publicação, pela primeira vez em português, de boa parte da produção carcerária, notadamente dos textos que compunham o caderno 19 sobre o *Risorgimento italiano*. A discussão sobre o processo de construção do Estado nacional italiano por meio de uma revolução passiva, que permite compreender de modo mais abrangente as formas do conceito de hegemonia no pensamento gramsciano e os limites da capacidade de direção das classes dominantes, é enriquecida pela publicação desse caderno, o mais extenso da produção carcerária. Merecem destaque, também, a publicação no volume 1 dos diferentes projetos de Gramsci para os *Quaderni* e a incorporação no volume 6 de duas importantes ferramentas para a pesquisa crítica: a tabela de correspondências completa, que permite localizar todos os parágrafos da edição Gerratana na edição brasileira, e a datação elaborada por Gianni Francioni (1984) para a redação dos *Quaderni*, que possibilitam uma reconstrução mais precisa.

A tradução corrige várias falhas e, dentre elas, a expressão “*quarantottesca*”, que passa a ser traduzida por “própria de 1848”, o que não deixa de ser uma boa solução para um problema difícil (CC, v. 3, p. 24). *Liberismo*, por sua vez, volta ao texto gramsciano.¹⁵ Como seria de

¹⁵ Já havia pelo menos um precedente na tradução de *A teoria da democracia revisitada*, de Giovanni Sartori, que incorporara o neologismo “*liberismo*”. Nesse texto, o próprio Sartori se encarregava de alertar seus leitores da edição estadunidense que muito embora a expressão não existisse em inglês ela era de uso corrente na Itália. “Passo

se esperar, os “esclarecimentos” dos editores da edição togliattiana também foram suprimidos, bem como os prefácios da velha edição temática. A nova edição, entretanto, não está isenta de erros. Dois deles são bastante graves porque incidem no material que deveria permitir uma pesquisa crítica. No volume 1, a importantíssima carta a Tatiana Schucht de 25 de março de 1929 aparece com a data de “24 de fevereiro de 1929” (CC, v. 1, p. 78). E na reprodução da cronologia de Francioni a data da redação das “Notas esparsas” que iniciam o *Quaderno* 8 aparece equivocadamente como sendo “entre novembro e dezembro de 1931” ao invés de “entre novembro e dezembro de 1930” e o “Reagrupamento de matéria” também é datado como sendo redigido “entre novembro e dezembro de 1931”, ao invés de “entre março e abril de 1932”, como Francioni (CC, v. 6, p. 460, Francioni, 1984, p. 142). Coincidentemente, as datas equivocadamente atribuídas a Francioni na edição brasileira são as mesmas que Gerratana atribui a essas passagens na edição crítica (Q, 2395-2396).

Todos aqueles que se interessam no Brasil pelo pensamento de Antonio Gramsci têm agora em suas mãos uma edição muito mais confiável e completa dos *Cadernos*. Mas a opção dos responsáveis pela nova edição não soluciona alguns problemas constatados ao longo dos anos. Ao invés de adotarem a edição crítica de Gerratana, optaram por uma versão mista, como já foi dito. O resultado final dificulta enormemente a reconstrução do *lessico gramsciano*. O trabalho filológico necessário para tal reconstrução é muitas vezes inviabilizado pela forma de organização do texto e pela

para o inglês a prática comum e muito útil de usar ‘liberismo’, ao invés de ‘liberalismo’ ao me referir à doutrina econômica do *laissez-faire*.” (Sartori, 1994, v. 2, p. 180.) Em uma resenha da edição brasileira dos *Cadernos* publicada na revista *Outubro*, n. 10, 2004, assinalo equivocadamente que embora adequada a utilização do neologismo *liberismo* mereceria uma nota explicativa (Bianchi, 2004). De fato no caderno 13, publicado no volume 3 dos *Cadernos do cárcere*, os autores não justificavam o uso da expressão, mas a justificativa já se encontrava nas notas ao caderno 10 previamente publicado (CC, v.1, p. 483). Corrijo aqui então minha omissão.

supressão dos textos A. A não ser que o pesquisador recorra à tabela de correspondências e se ampare na edição Gerratana, esse trabalho pode se tornar impossível.¹⁶

A opção editorial pode ser justificada de várias maneiras e Carlos Nelson Coutinho argumenta nesse sentido na bela apresentação publicada no volume 1. Mas é de se notar que exatamente no momento em que a editora mexicana Era completava sua edição crítica em seis volumes dos *Cadernos do cárcere*, veio à luz no Brasil uma que sintetiza um magnífico esforço editorial mas que fica longe de ser definitiva. Se o objetivo era agradar um público mais amplo que fatalmente encontraria dificuldades com a aridez da edição Gerratana, por que não simplesmente completar a velha coleção temática, mantendo-a no catálogo, e publicar, paralelamente, a edição crítica, como acabam de fazer no México?

Auscultando os Batimentos do Tempo

O trabalho de leitura dos *Cadernos do cárcere* não fica mais fácil porque seus temas foram agrupados. O próprio Gramsci já havia resolvido a questão reunindo o material nos chamados cadernos especiais. A leitura dos cadernos continuará, infelizmente, árida. A metodologia genético-diacrônica que tem caracterizado recentes pesquisas não elimina a aridez, mas tem permitido um maior rigor na reconstrução do laboratório de Gramsci. Assumindo o caráter inacabado dos *Quaderni* e a provisoriidade das

¹⁶ Sobre a importância desses textos vale o recente alerta de Baratta: “Aqui é preciso evidenciar um outro não insignificante problema relacionado a Gramsci escritor. A reelaboração das suas notas e apontamentos de primeira redação em ‘Cadernos especiais’ representa certamente um passo adiante na direção de uma almejada redação ‘definitiva’, mas apenas em parte: nem sempre o que se ganha compensa o que se perde (em força, objetividade, eficácia). Muitos mal-entendidos, não pouca superficialidade de leitura, tiveram origem na Itália de uma escassa atenção à primeira redação de boa parte dos Cadernos.” (Baratta, 2004, p. 98.)

formulações ali contidas, esse enfoque tem se empenhado em uma “contextualização eficaz” do pensamento gramsciano capaz de permitir uma reconstrução rigorosa do percurso da formulação conceitual ao longo dos textos.¹⁷ Coube aos estudos pioneiros de Valentino Gerratana (1997) e de Gianni Francioni (1984) estabelecer as ferramentas que permitiram o desenvolvimento dessa perspectiva. A partir da edição crítica dos *Quaderni del carcere*, publicados por Gerratana em 1975, tornou-se possível superar as leituras sistemáticas que impunham artificialmente uma ordem externa ao texto e desenvolver pesquisas que procuravam captar a unidade do pensamento de Antonio Gramsci no próprio processo de sua construção. Posteriormente, Francioni levou a cabo uma meticulosa datação dos parágrafos no interior de cada caderno (1984), o que permitiu valorizar a história interna dos *Quaderni*.

Desde o ano de 2000, o seminário sobre o *lessico gramsciano* realizado em Roma tem explorado essa metodologia genético-diacrônica renovando os estudos sobre a obra do marxista sardo (Ver, p. ex. Baratta, 2004; Frosini, 2003; Frosini e Liguori, 2004; e Medici, 2000). Este método de restauro, como é denominado por Gerratana (1997), encontra-se fortemente ancorado no próprio Gramsci. Em uma nota escrita respeito da obra de Marx, afirma esse autor:

“Se se quer estudar o nascimento de uma concepção do mundo que nunca foi exposta sistematicamente por seu fundador (...), é preciso fazer preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzido com o máximo escrúpulo de exatidão, de honestidade científica e de lealdade intelectual, de ausência de todo preconceito e apriorismo ou posição pré-concebida. É preciso, inicialmente

¹⁷ Esse enfoque genético diacrônico era impossível de ser levado a cabo com base na velha edição temática organizada por Palmiro Togliatti e Felice Platone e por isso teve de esperar a edição crítica organizada por Valentino Gerratana.

reconstruir o processo de desenvolvimento intelectual do pensador dado para identificar os elementos que se tornam estáveis e 'permanentes', ou seja, que são assumidos como pensamento próprio, diverso e superior ao 'material' precedentemente estudado e que lhe serviu de estímulo; apenas estes elementos são momentos essenciais do processo de desenvolvimento. (...) a pesquisa do leitmotiv, do ritmo do pensamento em desenvolvimento deve ser mais importante do que as afirmações particulares e casuais e do que os aforismos isolados." (Q, p. 1840-1842.)

A minuciosa discussão a respeito desse parágrafo e daqueles que lhe seguem feita por Baratta (2004, cap. IV) permite identificar o valor metodológico que Gramsci atribuía a essa passagem. Os cuidados que o sardo exige a respeito da obra de Marx tornam-se ainda mais importantes para a leitura dos *Quaderni* dado seu caráter fragmentário e inconcluso. As exigências metodológicas necessárias para o estudo dos *Quaderni* não anulam, entretanto, o valor da obra, embora comprometam irremediavelmente interpretações ligeiras. Depois dos trabalhos pioneiros de Gerratana e Francioni tornou-se assim possível assumir o caráter fragmentário e inconcluso da reflexão gramsciana, sem com isso perder sua unidade ou coerência interna.

A compreensão do caráter vivo e unitário desse pensamento impõe-nos uma exigência metodológica: a reconstrução das fontes teóricas dos *Quaderni* e das *Lettere*. A contextualização eficaz do pensamento gramsciano e a reconstrução de suas fontes possibilita, desse modo, restaurar esse diálogo crítico que Gramsci estabeleceu com autores que compunham o ambiente literário da época e acompanhar de modo minucioso o processo de construção dos conceitos. Tal contextualização permite reencontrar o pensamento do marxista italiano na confluência histórica da revolução italiana com o movimento comunista internacional. As origens desse pensamento não deveria, portanto, ser procurada exclusivamente no seio da Terceira Internacional (como p. ex. Gruppi, 1987 e 2000), muito embora os debates

teóricos desse contexto sejam fundamentais para sua compreensão. Nem deveriam ser analisadas como pertencentes a um contexto geográfico e intelectual restrito, apesar deste iluminar importantes aspectos teóricos (como, p. ex. Bellamy, 1990; Bellamy e Schechter, 1993; e Urbinati, 1998). Trata-se, antes de tudo, de reconhecer a complexidade das fontes do pensamento gramsciano e de verificar como ele se insere no contexto político-cultural italiano e europeu.

Tais contextos não são, entretanto, contemporâneos entre si. A noção de discordância dos tempos, desenvolvida por Daniel Bensaïd (1995 e 1996) é, aqui, de grande importância. Rejeitando a concepção de tempo linear e homogêneo, Bensaïd resgata na obra de Marx uma noção do tempo marcada pelo contratempo e pela não-contemporaneidade. As linhas evolutivas próprias da historiografia positivista explodem e fragmentam-se revelando descontinuidades radicais e saltos acrobáticos no espaço-tempo da história. Ao invés de uma concepção teleológica da história que a reduziria a mera espera, uma concepção da história como tragédia. Ao invés de uma narrativa historiográfica que pusesse ordem no caos dos fatos, uma nova escrita da história. Pois é uma nova escrita da história que Gramsci começa a produzir na prisão, naquele exato momento em que escreve a sua cunhada, em março de 1927, relatando seu projeto de “fazer algo *für ewig*.”

Mas esses cadernos não foram escritos segundo uma ordem cronológica. Vários eram redigidos ao mesmo tempo; alguns eram temporariamente deixados de lado, enquanto outros eram iniciados; páginas em branco eram intercaladas para serem preenchidas mais tarde, tudo isso em um meticuloso processo de artesanato intelectual. A discordância dos tempos ditada pela história (o tempo da *gênesis*) se manifestava objetivamente, mas de modo complexo, no nível da *poíesis* (a ação de produzir), e, por meio dela na *nóesis* (a ação de pensar, o devir conceitual), e na materialidade da *léxis* gramsciana (a ação de dizer).¹⁸ De mod

¹⁸ Utilizamos aqui, livremente, as indicações de Hector Benoit (2004), a respeito da temporalidades da *gênesis*, *poíesis*, *nóesis* e *lexis* nos *Diálogos* de Platão.

complexo porque *poiesis*, *nóesis* e *léxis* partilham o mesmo suporte, os *Quaderni del carcere* e as *Lettere al carcere* sendo, desse modo, impossível separar materialmente o momento da investigação do momento da exposição (cf. Coutinho, 1999, p. 79-80).

Auscultando os batimentos do léxico é possível reencontrar tanto a *genesis*, a *poiesis* e a *nóesis*. O tempo da *léxis* não é aquele que determina as demais temporalidades mas é aquele que as revela. É por meio dela que se torna possível reconstruir o léxico temático e conceitual que tem lugar nos *Quaderni*, é nele que os ritmos da produção da obra estão cristalizados sob a forma de uma sofisticada notação e que a história – a sua própria, a de seu passado e de seu presente – impregna o texto. O caráter provisório da obra, sua fragmentariedade, enfim, sua não contemporaneidade, exige uma nova abordagem.

“O critério histórico-político sobre o qual se deve fundar a própria pesquisa é o seguinte: que uma classe é dominante de duas maneiras, quer dizer, é ‘dirigente’ e ‘dominante’. É dirigente das classes aliadas, é dominante das classes adversárias. Por isso uma classe antes mesmo de chegar ao poder pode ser ‘dirigente’ (e deve sê-lo): quando está no poder torna-se dominante, mas continua a ser, também, ‘dirigente’. Os moderados continuaram a dirigir o Partito d’Azione mesmo depois de [18]70 e o ‘transformismo’ é a expressão política dessa ação de direção; toda a política italiana de [18]70 até hoje é caracterizada pelo ‘transformismo’, isto é, pela elaboração de uma classe dirigente nos quadros fixados pelos moderados depois de 1848, com a absorção dos elementos ativos, tanto das classes aliadas como

“O critério metodológico sobre o qual é preciso fundar a própria análise é o seguinte: que a supremacia de um grupo social se manifesta de duas maneiras, como ‘domínio’ e como ‘direção intelectual e moral’. Um grupo social é dominante dos grupos adversários que tende a ‘liquidar’ ou submeter mesmo que com a força armada e é dirigente dos grupos afins e aliados. Um grupo social pode e deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governativo (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exercita o poder e na medida em que o mantém fortemente em suas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar sendo ‘dirigente’. Os moderados continuaram a dirigir o Partito d’Azione mesmo depois de 1870 e 1876 e o assim chamado

das inimigas. A direção política torna-se um aspecto de domínio, enquanto a absorção das elites das classes inimigas produz a decapitação destas e à própria impotência. Pode-se e se deve ser uma 'hegemonia política' mesmo antes de ir ao Governo e não se precisa contar somente com o poder e a força material que este poder dá para exercer a direção ou hegemonia política. Da política dos moderados aparece clara esta verdade e é a solução desse problema que tornou possível o Risorgimento na forma e nos limites nos quais ele ocorreu, de revolução sem revolução [ou de revolução passiva segundo a expressão de V. Cuoco]. (Q, 1, § 44, p. 41)

'transformismo' não é mais que a expressão parlamentar desta ação hegemônica intelectual, moral e política. Pode-se dizer, por outro lado, que toda a vida estatal italiana de 1848 em diante é caracterizada pelo transformismo, isto é, pela elaboração de uma classe dirigente sempre mais ampla nos quadros fixados pelos moderados depois de 1848 e da queda da utopia neoguelfa e federalista, com a absorção gradual, mas contínua e obtida com métodos diversos em sua própria eficácia, dos elementos ativos, tanto dos grupos aliados como dos adversários que pareciam inimigos irreconciliáveis. Nesse sentido, a direção política torna-se um aspecto da função de domínio, na medida em que a absorção das elites dos grupos inimigos conduz à decapitação destes e ao próprio aniquilamento por um período muito longo. Da política dos moderados aparece claro que ela pode ou deve ser uma atividade hegemônica mesmo antes de ir ao poder e que não precisa contar somente com as forças materiais que o poder dá para exercer uma direção eficaz; precisamente a brilhante solução deste problema tornou possível o Risorgimento na forma e nos limites nos quais ele ocorreu, sem 'Terror' como 'revolução sem revolução', ou seja, como 'revolução passiva' para empregar uma expressão de Cuoco em um sentido um pouco diferente daquele que ele usava."

Gramsci alertava que “toda pesquisa tem seu método determinado” (Q, 11, § 15, p. 122). A leitura dos Quaderni impõe que essa máxima seja levada a sério. Revelar o ritmo do pensamento registrado nele exige estar atento a pluralidade de seus tempos. Tome-se um conceito que será chave de hegemonia e comparem-se duas versões. A primeira delas está presente no *Quaderno 1* e foi redigida, provavelmente, entre fevereiro e março de 1929; a segunda, insere-se no *Quaderno 19*, no contexto de uma pesquisa sobre o *Risorgimento* e foi escrita, provavelmente, entre fevereiro de 1934 e fevereiro de 1935. Dizia Gramsci nelas,

A nota do *Primo Quaderno* é de grande importância. É nela que pela primeira vez aparecem algumas expressões que marcarão a pesquisa gramsciana: “direção”, “dominação”, “hegemonia política” e transformismo. Mas as diferenças entre a primeira e a segunda construção não deixam de ser importantes. As mais sutis são as mais reveladoras. Por que Gramsci coloca entre aspas várias dessas expressões na primeira versão – “direção”, “dominação” e “hegemonia política” – e retira essas marcas na segunda? E por que faz o contrário, colocando aspas na segunda versão em palavras – “revolução passiva” – que não tinham na primeira?

Analisando essas discrepâncias, Ragazzini (2002) recorreu a uma inesperada “filologia das aspas” para explicar o processo de construção do léxico temático e conceitual gramsciano. Era por meio de um particular uso dessas marcas que o autor dos *Quaderni* assinalava o estágio de elaboração dos conceitos, registrando vocábulos e expressões de uso corrente ou que não pertenciam ao âmbito da filosofia da práxis. Na segunda versão do texto, a ausência das aspas indicaria uma incorporação dos termos ao léxico gramsciano, assumindo, entretanto, um significado que não era mais idêntico ao quele original. O inverso também é frequente nos *Quaderni*, como se pode ver pelo uso da expressão “revolução passiva”. No *Primo Quaderno* ela aparece assimilada completamente pelo texto gramsciano, que a incorpora como parte de seu léxico. Mas no *Quaderno 19* ela aparece entre aspas, e é acrescentada a advertência de que ela era utilizada “em um sentido um pouco diferente” daquele original.

Esse recurso parece ser uma imposição do próprio processo de produção teórica de Gramsci. O intenso diálogo crítico com a cultura de sua época fazia com que se apropriasse livremente de conceitos que, depois de reconstruídos, passavam a fazer parte de sua própria concepção, assumindo significados renovados. Sua leitura da obra filosófica de Marx e das interpretações a respeito já lhe havia feito perceber quantos problemas decorrem da utilização de um vocabulário ultrapassado. Daí a importância que atribuiu a suposta afirmação de Napoleão Bonaparte perante a Academia de Bolonha: “quando se encontra alguma coisa verdadeiramente nova, é necessário adequar-lhe um vocábulo completamente novo a fim de manter de modo preciso e distinto a idéia (Q, 11, § 27, p. 1433).

Mas o que acontece quando não é possível construir esse novo vocabulário? Nesse caso deve-se explicitar os novos sentidos atribuídos às palavras, o que Gramsci procura fazer de modo minucioso em sua escrita demarcando aquilo que é novo do velho. Para explicitar esses novos sentidos que velhos conceitos assumem é preciso conhecer os antigos. É preciso reconstruir o diálogo crítico que Gramsci estabeleceu com Nicolau Maquiavel e Francesco Guicciardini, com Antonio Labriola e Georges Sorel, com Benedetto Croce e Giovanni Gentile, com Vladimir Lenin e Leon Trotsky. É por meio deles que Gramsci, na prisão, se comunica com o mundo e dialoga com seu tempo, reencontrando por meio da *léxis* a *genesis* que lhe fora confiscada pela prisão.

Referências Bibliográficas

- BARATTA, Giorgio. *As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BELLAMY, Richard e SCHECTER, Darrow. *Gramsci and the Italian State*. New York: St. Martin's Press, 1993
- BELLAMY, Richard. Gramsci, Croce and the Italian Political Tradition. *History of Political Thought*, v. XI, n. 2, p. 313-37, 1990.
- BENOIT, Hector. *Tetralogia dramática do pensar*. Tese (Livre-Docência em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004, l. I (Em busca da odisséia dialógica: a questão metodológica das temporalidades).
- BENSAÏD, Daniel. *La discordance des temps: essai sur les crises, les classes, l'histoire*. Paris: Passion, 1995.
- BENSAÏD, Daniel. *Marx l'intempestif: grandeurs et misères d'une aventure critique (XIXe-XXe siècles)*. Paris: Fayard, 1996.
- BIANCHI, Alvaro. Resenha de Gramsci, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002, 6v. *Outubro*, n. 10, p. 134-142, 2004.
- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. *Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAMMETT, John M.; GIASI, Francesco e RIGHI, Maria Luisa (a cura di). *Bibliografia gramsciana dal 1922*. Disponível em: <http://213.199.9.13/bibliografiagramsci/>
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DANIELE, Chiara (Org.). *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: Il carteggio del 1926*. Turim: Einaudi, 1999
- DIAS, Edmundo Fernandes. Sobre a leitura dos textos gramscianos: usos e abusos. DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xama, 1996a, p. 105-122

- DURANTE, Lea. Il libro del convegno di Napoli. *International Gramsci Society Newsletter*, n. 9, 3-13, Mar., 1999.
- FIORI, Giuseppe. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FRANCIONI, Gianni. *L'Officina gramsciana: ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"*. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- FROSINI, Fabio. *Gramsci e la filosofia: saggio sui Quaderni del carcere*. Roma: Carocci, 2003.
- FROSINI, Fabio. Reforma e Rinascimento. In: FROSINI, Fabio e LIGUORI, Guido. *Le parole di Gramsci: per un lessico dei Quaderni del carcere*. Roma: Carocci, 2004, p. 170-188.
- GERRATANA, Valentino. *Gramsci: problemi di metodo*. Roma: Riuniti, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. Alcuni temi della questione meridionale. In: *La costruzione del Partito Comunista 1923-1926*. Turim: Einaudi, 1978 p. 137-158.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002, 6v. (Citado como CC)
- GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, 2v.
- GRAMSCI, Antonio. *Cronache Torinesi. 1913-1917: A cura di Sergio Caprioglio*. Turim: Einaudi, 1980. (Citado como CT.)
- GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos: organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004 2v.
- GRAMSCI, Antonio. *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Turim: Einaudi, 1949.
- GRAMSCI, Antonio. *Il nostro Marx. 1918-1919: A cura di Sergio Caprioglio*. Turim: Einaudi, 1984. (Citado como NM.)
- GRAMSCI, Antonio. *La città futura. 1917-1918: A cura di Sergio Caprioglio*. Turim: Einaudi, 1982. (Citado como CF.)

- GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal carcere*: a cura di segio Caprioglio e Elsa Fubini. Turim: Einaudi, 1973. (Citado como L.)
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*: edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Turim: Giulio Einaudi, 1977. (Citado como Q)
- GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- GRUPPI, Luciano. *Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci*. 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- LABRIOLA, Antonio. *Saggi sul materialismo storico*: introduzioni e cura di Antonio A. Santucci. Roma: Riuniti, 2000.
- LEPRE, Aurelio. *O prisioneiro: a vida de Antonio Gramsci*. São Paulo : Record, 2001.
- LIGUORI, Guido e META, Chiara. *Gramsci: guida allá lettura*. Milão: Unicolpi, 2005
- LIGUORI, Guido. *Gramsci contesso: storia di un dibattito, 1922-1996*. Roma: Riuniti, 1996.
- MASSARI, Roberto (a cura di). *All'opposizione nel Pci con Trotsky e Gramsci*: Bollettino dell'Opposizione Comunista Italiana (1931-1933). Bolsena: Massari, 2004
- MASSARI, Roberto. Gramsci e Trotski. In: DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xama, 1996, p. 123-166.
- MEDICI, Rita. *Giobbe e Prometeo: filosofia e politica nel pensiero di Gramsci*. Firenze: Alínea, 2000.
- MONASTA, Attilio. *L'educazione tradita: criteri per una diversa valutazione complessiva dei Quaderni del Carcere di Antonio Gramsci*. Pisa: Giardini, 1985.
- NATOLI, Aldo. *Antigone e il prigioniero: Tania Schucht lotta per la vita di Gramsci*. Roma: Riuniti, 1990

- NOSELA, Paolo. *A escola de Gramsci*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- RAGAZZINI, Dario. *Leonardo nella società di massa: teoria della personalità in Gramsci*. Bergamo: Moretti Honegger, 2002.
- SANTUCCI, Antonio A. (org.). *Gramsci in Europa e in America*. Bari: Laterza, 1995.
- SANTUCCI, Antonio A. *Antonio Gramsci 1891-1937: guida al pensiero e agli scritti*. Roma: Riuniti, 1987.
- SENAJR. Carlos Zacarias F. de. Gramsci: mais um antitrotskyista? *Outubro*, n. 10, 2004, p. 49-68.
- SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito comunista italiano*. Turim: Einaudi, 1976, 5v.
- SRAFFA, Piero. *Lettere a Tania per Gramsci: introduzione e cura di Valentino Gerratana*. Roma: Riuniti, 1991.
- TOGLIATTI, Palmiro. *Antonio Gramsci*. Roma: Riuniti, 1972.
- TOGLIATTI, Palmiro. *Opere*: a cura de Ernesto Ragionieri. Roma: Riuniti, 1973.
- URBINATI, Nadia. From the periphery of modernity. Antonio Gramsci's theory of subordination and hegemony. *Political Theory*, v. 26 .n. 3, p. 370-391, Jun. 1998.

PRIMEIRA VERSÃO

Títulos Publicados

80. Shiguenoli Miyamoto. *Perspectivas do estudo das relações internacionais no Brasil.*
81. João Quartim de Moraes. *Erasmus e Lutero: teologia e reforma do cristianismo.*
82. Shiguenoli Miyamoto. *O idealismo e a paz mundial.*
83. Reginaldo C. C. de Moraes. *Economia, política e ideologias. Notas sobre neoliberais, keynesianos e cepalinos.*
84. Octavio Ianni. *Língua e sociedade.*
85. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Situações. Conjuntura, Empresários/Trabalhadores e Alca.*
86. Reginaldo C. Corrêa de Moraes. *Brasil, política: estruturas, conjunturas, conjecturas.*
88. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Desencontros: o Brasil e o mundo no limiar dos anos 80.*
89. Shiguenoli Miyamoto. *A segurança regional no contexto do Mercosul.*
91. Shiguenoli Miyamoto. *A política de defesa brasileira e a segurança regional.*
92. Pedro Paulo A. Funari & Nanci Vieira Oliveira. *Arqueologia em Mato Grosso.*
93. Shiguenoli Miyamoto. *O Brasil e as negociações multilaterais.*
95. Shiguenoli Miyamoto. *Cooperação, competição e integração regionais: o difícil entendimento.*
96. Maria Lygia Quartim. *Memória biográfica e terrorismo de Estado: Brasil e Chile.*
97. Shiguenoli Miyamoto. *Os estudos estratégicos e a academia brasileira: uma avaliação.*
99. Shiguenoli Miyamoto. *O Mercosul e a segurança regional: uma agenda comum.*
101. Reginaldo C. Corrêa de Moraes. *O pequeno século XX: o Estado, o mercado e o et cetera.*
102. Shiguenoli Miyamoto. *Geopolítica do Brasil: algumas considerações.*
103. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Democracia e ordem internacional: reflexões a partir de um país grande semiperiférico.*
104. Caio Navarro de Toledo. *Universidade, intelectuais e pensamento crítico.*
105. Tom Dwyer (org.), Maria Hermínia Tavares de Almeida, Juarez Lopes Brandão e Roberto Cardoso de Oliveira. *As origens do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Sociais e as perspectivas para o futuro – um encontro com alguns fundadores.*
106. Cátia Aida Silva. *Acesso à justiça: uma leitura dos direitos e da cidadania no Brasil Contemporâneo.*
107. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Teoria e História. Notas críticas sobre o tema da mudança institucional em Douglas North.*
108. Sebastião C. Velasco e Cruz. *Organizações internacionais e reformas neoliberais: reflexões a partir do tema da propriedade intelectual.*
109. Maria Lygia Quartim de Moraes. *Dois estudos sobre cidadania.*
110. Reginaldo C. Corrêa de Moraes, Juliana do Couto Ghisolfi e Maitá de Paula e Silva. *Universidade no Brasil, 2002 – problemas & dilemas.*
111. Shiguenoli Miyamoto. *O ensino das relações internacionais no Brasil: problemas e perspectivas.*
112. Lucas Angioni. *O problema da compatibilidade entre a teoria da ciência e as ciências naturais em Aristóteles.*
13. Octavio Ianni. *Sociologia do terrorismo.*
114. Guíta Grin Debert. *Arenas de conflitos éticos nas delegacias especiais de polícia.*

115. Tom Dwyer (org.), Maria Lígia de Oliveira Barbosa, Ricardo Abramovay, Leila da Costa Ferreira, Rita de Cássia Lahoz Morelli e Rachel Meneguello. *O ensino interdisciplinar nas Ciências Sociais*.
116. Adriana Piscitelli. *Delegacias especiais de polícia em contexto: reflexões a partir do caso de Salvador (Bahia)*.
117. Shiguenoli Miyamoto. *A segurança e a ordem internacionais no limiar do novo século*.
118. Reginaldo C. Corrêa de Moraes. *Berle & Means, de 1932 a 2002: a ordem política do capitalismo corporativo*.
119. Shiguenoli Miyamoto e Patrícia Nasser de Carvalho. *A ONU e a paz mundial: alcances e limites*.
121. Maria Lygia Quartim de Moraes. *Feminismo, movimentos de mulheres e a re(construção) da democracia em três países da América Latina*.
122. Shiguenoli Miyamoto e Paulo César Manduca. *Segurança hemisférica: uma agenda inconclusa*.
123. Armando Boito Jr. *Classe média e sindicalismo*.
124. Izabel A. Marson. *Política e memória em Um Estadista do Império*.
125. Octavio Ianni. *Enigmas do pensamento latinoamericano*.
126. Eliane Moura da Silva. *Repensando o fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas*.
127. Maria Lygia Quartim de Moraes. *Algo de novo na América Latina?*
128. Alessandro André Leme. *Estado e energia: conjunturas e conjecturas acerca do setor elétrico brasileiro*.
129. José Carlos Pinto de Oliveira. *Quine e o projeto de uma ciência cognitiva*.
130. Alessandro André Leme. *Reformas do Estado: o caso do setor elétrico na Argentina e no México*.
131. Amnéris Maroni. *Busca e mistério*.
132. Maria Filomena Gregori. *Feixes, paralelismo e entaves: as delegacias de defesa da mulher de São Paulo e as instituições*.
133. Duarcides Ferreira Mariosa. *Florestan Fernandes e os Tupinambá*.
134. José Carlos Pinto de Oliveira. *História da ciência e história da arte. uma introdução à teoria de Kuhn*.
135. Alessandro André Leme. *Privatização e energia elétrica: debate preliminar sobre a reestruturação do setor elétrico e a crise de racionamento de energia*.

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received:

FALTA-NOS: _____

We are lacking:

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA REMESSA

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (0XX 19) 3521.1604/3521.1603
Telefax.: (0XX 19) 3788.1589
<http://www.ifch.unicamp.br/pub>
pub_ifch@unicamp.br



